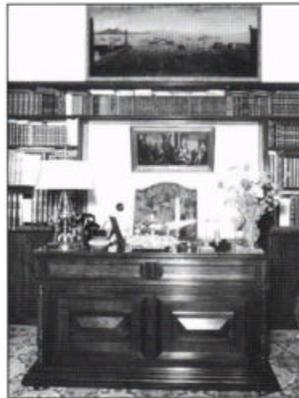


## O que (não) lia Nogueira da Silva

Henrique Barreto Nunes



A minha intervenção vai incidir sobre os livros que actualmente se conservam no escritório de Nogueira da Silva (NS) e que, presumo, mantêm de um modo geral a arrumação que teriam enquanto o comendador viveu.

Aos livros que preenchiam as estantes do seu escritório ter-se-iam porém juntado outros que se encontravam em Lisboa, de acordo com o que ficou expresso no seu testamento: *deixo a [fulano de tal]... os livros da minha residência de Lisboa que não tratem de assuntos de arte*, os quais certamente vieram para esta casa, mas foram posteriormente colocados noutra espaço do Museu, onde se localiza a actual biblioteca desta Unidade Cultural. Sobre os livros que possuiria na residência lisboeta nada pude apurar.

Não existe, tanto quanto sei, qualquer inventário daqueles livros elaborado em vida de NS. O que consultei foi realizado já depois da criação desta Casa Museu, após a sua integração na Universidade do Minho.

Alguns desses livros teriam sido comprados, mas a maior parte deles foi oferecida pelos seus autores ao comendador ou a sua existência naquele escritório resultou de ofertas institucionais. É provável que outros tenham feito parte da herança de sua mulher.

Não conheço igualmente – nem sequer sei se terá sido conservado – o arquivo pessoal de correspondência de NS, que nos poderia fornecer algumas pistas interessantes acerca do modo como parte dessas obras foi por ele adquirida ou recebida e os agradecimentos que terão suscitado – agradecimentos que normalmente pressuporiam alguma leitura.

Por outro lado praticamente não existem textos escritos pelo criador da Casa da Sorte, salvo algumas intervenções públicas (em especial agradecimentos de circunstância, produzidos em cerimónias de homenagem ou recepções), que nos permitam conhecer o seu pensamento ou o rasto que a leitura de certos autores nele poderá ter deixado.

Os livros de NS não apresentam marcas de posse, anotações, sublinhados ou mesmo cantos dobrados, que são sinal de alguma leitura. Nem sequer uma flor seca, perdida no meio das suas páginas, encontrei. Alguns exemplares encontram-se mesmo por abrir: são livros virgens...

Estas observações de certo modo confirmam o testemunho do sr. António Tinoco, que me garantiu que NS não lia, que nunca o viu com um livro na mão ou a comprá-los.

Será assim difícil falar dos hábitos de leitura do nosso homenageado, da importância que os livros (ou alguns autores) poderão ter tido na sua vida.

Aquilo que me vou atrever a dizer resulta de uma análise meramente impressiva dos livros que encontrei em Braga, das dedicatórias que muitos deles ostentam (o que me levará a falar de algumas personalidades importantes na sua vida) e sobre a importância que a sua posse terá tido no espaço social em que tão diligentemente se movimentou.

Porque, como é evidente, NS reuniu cerca de um milhar de volumes e para eles criou um recanto agradável, mas austero, arrumando-os no escritório da sua residência bracarense em estantes mandadas construir propositadamente nos Móveis Soares Barbosa, na década de 60.

Seria este aposento apenas um cenário para impressionar os seus inúmeros visitantes, um sinal de ostentação que ouvimos dizer ser característico da figura que estamos a evocar?

É uma dúvida para a qual não encontrei uma resposta fundamentada.

Quando nos referimos aos livros de Nogueira da Silva, podemos considerar que estamos perante uma biblioteca privada?

Uma biblioteca, segundo os manuais, é uma colecção organizada de livros e publicações periódicas, disponível para consulta ou estudo, criada com determinado fim de utilidade pública ou privada.

Colecção organizada não me parece ser o que NS nos deixou: não existe inventário, catálogo ou mesmo qualquer critério de arrumação, a não ser o do formato dos livros ou, quando muito, o da relevância (política, religiosa, quiçá afectiva) dos seus autores.

Talvez se possa considerar que NS possuía uma biblioteca privada, já que considero que uma colecção pessoal de livros revela muito da personalidade do seu detentor.

Claro que as bibliotecas privadas ou particulares conservam-se ou são constituídas por múltiplas razões: por herança ou investimento; pelo gosto, por vezes indiscriminado de coleccionar; pelo interesse por determinados temas; por necessidades profissionais; pelo prazer da leitura, e naturalmente por bibliofilia.

Por outro lado, de acordo com o reputado bibliófilo Alberto Navarro (Visconde da Trindade) é necessário que uma biblioteca privada tenha *uma espinha dorsal, reunindo um conjunto de livros que representem a Raça, a Língua, a Fé, a Tradição e a Nacionalidade; em meu entender, uma biblioteca é uma "presença" – quer dizer que o seu organizador lhe soube dar uma directriz, de*

*forma que nela estejam representadas as correntes do pensamento de certas e determinadas épocas bem como as modificações que se forem dando pela evolução dos acontecimentos: históricos, políticos, religiosos e sociais* (in "Como se organiza uma biblioteca privada", Lisboa, 1972).

Vamos ver se tal se aplica a Nogueira da Silva e para tal terei que recordar alguns aspectos da sua biografia, confrontando-a com os livros que possuiu.

António Augusto Nogueira da Silva nasceu no Porto em 1901, oriundo de uma família minhota com fortes ligações a Braga. Com poucos meses de idade veio viver para esta cidade, onde o pai se estabeleceu como comerciante.

Aprendeu as primeiras letras no colégio do professor Vicente Braga, na rua D. Diogo de Sousa.

Aqui surge-nos uma referência a um primeiro livro, que conservou carinhosamente durante toda a vida. Em 10 de Agosto de 1912 o seu padrinho Pedro José Ruela ofereceu-lhe um exemplar de uma edição de 1896 de "Infâncias célebres" de Louise Colet, com uma dedicatória que dizia: *ao seu afilhado António Nogueira da Silva, no dia do seu exame do 2.º grau, este livro, esperando que o leia com atenção e que aprenda nos seus ensinamentos a ser no futuro um homem digno do nome dos seus pais.*

O livro recolhia biografias da juventude de Nuno Álvares Pereira, Du Guesclin, Pico della Mirandola, B. Franklin, Lineu, Mozart e Bocage, entre outros, parecendo a dedicatória premonitória do percurso de NS.

Depois frequentou o ensino comercial, mas segundo uma breve nota biográfica datada de 1972 e publicada no 2.º volume da singular obra "Grandes figuras do trabalho", de Correia de Azevedo, *cedo trocou os bancos da escola pelas bancas do comércio, iniciando-se, na senda dos negócios, ao lado do pai, quando tinha, precisamente, 18 anos de idade.*

*A sua vocação para o comércio foi um caso de revelação espontânea, desde logo tendo revelado excepcionais qualidades de iniciativa, génio criador, sentido de oportunidade, amor ao trabalho, espírito empreendedor e senso prático, o que imediatamente o tornou notado e admirado, a ponto de facilmente conquistar a admiração e estima de todos os grandes comerciantes do seu tempo.*

*Isso deu oportunidade a que fosse solicitado desde logo para diversos cargos directivos das mais importantes associações e organismos da cidade.*

Até o desporto lhe mereceu uma atenção especial: foi um dos fundadores, em 1921, do Sporting de Braga, seu adepto entusiasta, algumas vezes dirigente, socorrendo o clube financeiramente em situações aflitivas, chegando a empenhar-se pessoalmente na construção do Estádio 28 de Maio.

Não teria sido um praticante exímio do desporto-rei, mas conservou a colecção de uma rara revista intitulada "Desportiva", publicada em Braga em 1924-25, a qual, no n.º 10 (1 Fev. 1925), lhe dedica uma página, com direito a foto, realçando julgo que ironicamente, a sua exibição brilhante nos "Toneladas", presumo que um grupo de amigos fisicamente "bem constituídos" que se entretinha a dar uns pontapés na bola.

DÊSPORTIVA-REVISTA DE SPORT 7

---

OS NOSSOS DESPORTISTAS



Nogueira da Silva

Dissemos num dos numeros anteriores, que esta secção não era exclusivo dos "azes", mas tambem d'aqueles que tem marcado no meio desportivo, pela sua acção e pelo seu amor á causa.

Nogueira da Silva, tirando a sua exibição brilhante nos "Toneladas", não tem marcado como praticante, mas tem representado um papel grande como dirigente, com uma alma cheia de fé e de esperança e com uma visão nitida de victória da causa desportiva. Nogueira da Silva, tem sido mais que um dirigente, tem sido o pilar mais fulgurante do nosso club campeão. Quem conhece, como nós, o seu trabalho extenuante e a sua dedicação, admira a sua admiravel preserverança que os maiores contratempos não tem feito baquear.

Que nos desculpe a sua grande modéstia, estas palavras feitas ao correr da pena, mas dictadas pela admiração que nos vai na alma!



Entretanto em 1920, com 19 anos, casou com a sra. D.<sup>a</sup> Maria Eugénia Gama Lobo da Costa Palmeira, filha do conhecido médico bracarense Dr. José da Costa Palmeira e da D.<sup>a</sup> Eugénia Gama Lobo, nascida no Brasil, senhora de primorosa educação, segundo os padrões burgueses da época.



Porém pouco depois, sabedor de que não poderia ter filhos, passou a dedicar-se a obras de assistência e filantropia em diversas instituições bracarenses, tendo igualmente criado um centro de apostolado e afervoramento do culto católico.

Em termos profissionais, a fundação em 1933 da Casa da Sorte, destinada exclusivamente à venda e expansão da Lotaria Nacional, foi a chave para o seu progressivo enriquecimento, promovendo a sua ascensão económica e social, alicerçada em poderosas ligações à Igreja Católica e ao relacionamento privilegiado com o poder político que empenhada e convictamente foi cultivando.

A sua casa de Braga, na qual investiu uma razoável fortuna, começou a servir de palco a grandes acontecimentos citadinos, desde recepções de gala a banquetes oficiais promovidos em honra das mais prestigiadas figuras do país e mesmo do estrangeiro, com realce para os governantes e altos membros da hierarquia católica.

Como nota a laudatória biografia que referi, Nogueira da Silva *levou sempre uma vida cristã morigerada, austera e exemplar. A situação de que desfrutava conquistou-a ele próprio, dia-a-dia ... como resultado do seu génio comercial, da sua integridade de carácter e do seu nome honrado.*

A sua figura é inegavelmente um símbolo das virtudes que o regime salazarista tanto apreciou e propagandeou, já que NS foi sempre fiel aos princípios que caracterizavam a ideologia política vigente.

A fama da sua casa ficou a dever-se igualmente ao valioso património artístico que encerra. A partir de certa altura, em circunstâncias e por razões que não consigo inteiramente explicar, mas a que não seria alheio o já referido gosto pela ostentação e a necessidade de afirmação social, começou a dedicar-se ao colecionismo de obras de arte, que hoje aqui se conservam e são o cerne deste museu.

De qualquer modo há uma breve referência àquele gosto no discurso que proferiu 4 de Fevereiro de 1968, quando Braga, que já em 1964 o tinha declarado cidadão honorário, lhe consagrou uma grandiosa homenagem e lhe ofereceu a medalha de ouro da cidade: *Todos nós temos, uns mais, outros menos, o gosto de coleccionar. Esse gosto começa quase sempre na infância, quando se juntam os primeiros selos; aperfeiçoa-se na juventude com objectos mais*

*variados, desde os bilhetes postais aos troféus desportivos; e sublima-se na maturidade, em que procuramos reunir peças antigas e de arte, testemunhos de um passado que são, afinal, pequenas páginas da história do mundo. Esse gosto não me tocou grandemente na meninice; mas levou-me mais tarde a coleccionar algumas obras de arte, e, Deus seja louvado, um número considerável de amigos, de bons, leais e dedicados amigos* ("Correio do Minho", 7 Fev. 1968, p. 4).

Depois deste longo mas julgo que necessário intróito, vamos tentar perceber como este percurso biográfico se reflectiu na biblioteca particular de N. Silva.

Podemos destacar três núcleos fundamentais na colecção de livros que o comendador reuniu: a Literatura, a Política e a Religião.

Na Literatura o que me chamou mais a atenção foi a existência de quase toda a obra, magnificamente encadernada, de Antero de Figueiredo.



Escritor de grande êxito no seu tempo, A. Figueiredo nasceu em Viseu em 1866, mas veio viver para Braga com pouco mais de um ano de idade, tendo ficado a sua educação a cargo do tio cónego António Lopes de Figueiredo, que

o hospedou em casa do publicista e senhor de apreciáveis cabedais Fernando Castiço, aqui permanecendo até aos 21 anos. Curiosamente, quando este faleceu, com 52 anos de idade, o jovem Antero casou com a sua viúva...

Antero de Figueiredo cultivou sempre uma forte ligação com Braga, que se reflecte em alguns dos seus romances ("O último olhar de Jesus" ou "Senhora do Amparo") e nas "Jornadas em Portugal", onde nos deixou um mordaz retrato dos bracarenses.

Certamente o escritor manteve relações de amizade com o Dr. Costa Palmeira, a quem ofereceu com dedicatória alguns dos seus primeiros livros, tendo sido padrinho da sua filha Eugénia, à qual também dedicou diversas obras. Esta relação estendeu-se a N. da Silva, de quem foi padrinho de casamento e assim, a partir de certa altura, os livros oferecidos passam a referir os afilhados António e Eugénia nas respectivas dedicatórias. O exemplar n.º I de "Escândalo de espírito" (1945) é oferecido apenas ao seu querido afilhado António.

Apreciado cultor da língua portuguesa, a ficção de A. Figueiredo, após uma primeira fase de gosto romântico, sensorial e historicista, tornou-se uma apologética do catolicismo, embora um dos últimos romances, "Non sum dignus" (1948) tenha causado grande celeuma pelas referências pouco lisonjeiras à vida nos seminários e às vocações religiosas que apresentava.

Curiosamente o exemplar deste livro que NS possuiu não ostenta dedicatória, mas no seu interior encontram-se recortes de críticas violentas ao romance, nomeadamente dos jornais "A Voz", "Novidades" e "Acção", bem como uma carta do P.ª Moreira das Neves, que refere a certo ponto, *um certo escândalo à roda do último livro de A.F. ... O livro, além do mais, pretende atacar o seminário do Porto e 2 professores. Pode fazer mal e ser uma certa arma nas mãos dos inimigos da Igreja. Razão tinha o meu amigo no que nos disse sobre o assunto. Quem chega aos 80 anos carregado de responsabilidades parece que tinha obrigação de ser mais prudente.*

Quanto à literatura portuguesa esta biblioteca contém um número significativo de obras de Herculano, Camilo, Eça, Ramalho, J. Dinis, Fialho e Tomás Ribeiro, em edições correntes dos inícios do século XX, e ainda vários títulos de Júlio Dantas.

De "Os Lusíadas" existem diversas edições, quase todas recentes, sendo uma de luxo, da Lello (1973). Os autores contemporâneos não estão representados. Ressalve-se apenas a presença de "A Casa Grande de Romarigães" de Aquilino e o primeiro livro de M. Ondina Braga, "Eu vim para ver a terra", dedicado ao Comendador NS, *homem ilustre da minha terra* (1965).

Da literatura estrangeira refira-se uma edição espanhola, em grande formato, do "D. Quixote" e sete volumes da obra de Tolstoi, publicados na primeira década do séc. XX.

Existem naturalmente outras obras literárias, alguns romances populares dos inícios do séc. XX e poesia de autores sem renome. A grande poesia portuguesa está ausente: nem sequer Antero de Quental ou Fernando Pessoa frequentaram esta casa.

De notar que variados exemplares dos autores portugueses do séc. XIX apresentam carimbos de uma livraria da Bahia, não sendo de estranhar que tenham pertencido à família de D.<sup>a</sup> M. Eugénia.

No domínio da Política devemos registar, antes de mais, a forte presença da obra de Salazar.

Os 6 volumes dos "Discursos" ocupavam um lugar de honra nas estantes do escritório.

São de diversas edições, belamente encadernadas por Frederico de Almeida (sintomaticamente com oficina na Rua António Maria Cardoso, em Lisboa) e autografadas pelo autor, excepto o 6.º volume, de 1967, que é enriquecido com a seguinte dedicatória: *Ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Comendador Nogueira da Silva, com o maior reconhecimento por todas as suas atenções*. Recorde-se, a propósito, que em Maio de 1966 Salazar se tinha hospedado nesta casa, quando veio a Braga participar nas comemorações do 40.º aniversário da Revolução Nacional, tendo então proferido um célebre discurso, que alguns esperavam fosse de renúncia, no Salão Medieval da Biblioteca Pública, que o referido volume reproduz.

A juntar a esta série, com as mesmas características, existe um volume de "Entrevistas 1960-1966" (de 1967), autografado por Salazar e acompanhado por um seu cartão de visita, *com respeitosos cumprimentos*, (datado de 11 de Outubro de 1967).

De Salazar localizei também variados folhetos, regularmente editados pelo SNI para divulgar os seus discursos.

Ainda de Salazar existe uma "Antologia" em 2 volumes, que mantem as folhas por abrir, editada pela Vanguarda em 1954-1955, cujo director literário a dedica a N. Silva, *companheiro dos saudosos tempos da brigada sonora e da fundação da Legião Portuguesa, em testemunho da sua dedicação a Salazar e da muita amizade e estima de Manuel Dias da Fonseca* (22. Abr. 1954).

Efectivamente NS pertenceu à Legião Portuguesa, foi comandante de terço e, após o 25 de Abril, teve que entregar a arma que lhe tinha sido distribuída, conservando no entanto a farda, conforme informação do senhor António Tinoco.

Manuel Baptista Dias da Fonseca era natural de V. N. Famalicão (n. 1917), foi delegado do Ministério Público e, de 1947 a 1949, "secretário de Sua Exce-lência o Senhor Presidente do Conselho" (segundo o Bol. Oficial do Ministério da Justiça). O 25 de Abril "afastou-o" do cargo de juiz do Supremo Tribunal Administrativo, mas em 1981 voltamos a encontrá-lo como juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça.

Na biblioteca de N. Silva podemos igualmente encontrar diversos estudos sobre a vida e obra do ditador, merecendo referência a "Oração fúnebre na morte de Salazar" (Lisboa, 1970), de Moreira das Neves, que o dedica *ao querido amigo Nogueira da Silva que, mais do que ninguém, sentirá tudo o que nestas páginas se diz*.

Já de Marcelo Caetano existem apenas os 5 volumes encadernados dos discursos que proferiu enquanto Presidente do Conselho, em edição da Verbo, mas sem qualquer dedicatória. Aliás Caetano nunca frequentou esta casa.

Muitas outras obras de governantes e figuras de relevo do Estado Novo possuía NS, sendo de destacar, pelas dedicatórias, as de Henrique Veiga de Macedo, que foi ministro das Corporações, e de José Hermano Saraiva, o famigerado ministro da Educação Nacional no tempo da crise académica de 1969.

Os "Anais da Revolução Nacional", dirigidos por João Ameal (1948), "Trinta anos de Estado Novo", de F. Matos Gomes (1957) e "A Legião Portuguesa: expressão da consciência moral da Nação", com prefácio de Santos Júnior (1966) são títulos que, pelo seu conteúdo e características, merecem referência.

Insólita é a presença de "O pensamento de Lenine", de Henri Lefbvre (Moraes Ed., 1969), não sendo tanto de estranhar a existência de 2 livros de e sobre Svetlana, a filha de Estaline, em que se denunciam alguns desvios do regime comunista soviético.

A componente religiosa desta biblioteca é dominada por um grande tema (as alegadas aparições marianas em Fátima) e pela obra de duas importantes figuras da hierarquia e intelectualidade católica em Portugal: o cardeal M. Gonçalves Cerejeira e Monsenhor Moreira das Neves.

Sobre Fátima, a que N. Silva dedicava uma devoção especial, possuindo mesmo um andar nas proximidades do santuário, existem variados títulos, nomeadamente a monumental "Fátima, altar do mundo" de João Ameal (1953), os 3 volumes dedicados ao cinquentenário das aparições, "A virgem e Portugal", o testemunho de Antero de Figueiredo, além de variados opúsculos sobre o tema.

De Cerejeira possuía N. Silva os mais importantes estudos, em edições belamente encadernadas em carneira vermelha, com ferros dourados nas lombadas, pelo já referido Frederico Almeida, quase todas elas com dedicatórias, algumas referindo ocasiões especiais vividas em Braga (I centenário do Sameiro, inauguração do Centro Apostólico).

Um dos grandes amigos de NS terá sido Francisco Moreira das Neves, a quem já nos referimos. Sacerdote católico, poeta e jornalista, pontificou desde 1934 como chefe de redacção e coordenador do suplemento literário do "Novidades", diário símbolo da ligação estreitíssima entre o regime de Salazar e a Igreja Católica, representada pelo Cardeal Cerejeira, tendo também integrado a comissão de censura.

As afectuosas dedicatórias apostas nos mais variados livros do escritor, alguns ocupando lugar de honra na biblioteca que vimos apreciando, atestam essa amizade desde o início da década de 40. Penso que seria interessante tentar averiguar qual o papel que Moreira das Neves terá desempenhado na aceitação e afirmação de NS perante a Igreja Católica e o Estado Novo.



D. Joaquina Gonçalves Rebelo

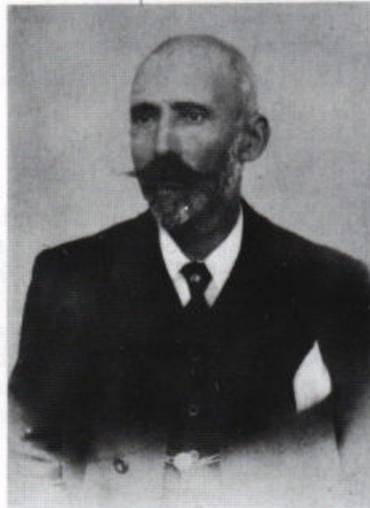
+ M. Card. Patriarca

31. VIII. 1969.

Os Pais  
do  
CARDEAL  
CEREJEIRA

+ M. Card. Patriarca  
24. IX. 72

+ M. Card. Patriarca  
2. VI. 1964  
(I Centenario do Sacerdote)  
Luiz de Oliveira  
Avelina Gonçalves Cerejeira



*Henrique Barreto Nunes*  
16. v. 65

Jubileu Sacerdotal. 1-IV-1936. O Cardeal Cerejeira ouviu a leitura da Carta autógrafa de Pio XI.



17-4-41  
 (Carta de Santo Padre Pio XI)  
 (Carta de Santo Padre Pio XI)  
 António Maria de S. Ambrósio  
 Zim. Zim.  
 4/21/68

23-IV-1936. Na Sociedade de Geografia.



17-4-41  
 1936  
 28. v.  
 (Carta de Santo Padre Pio XI)  
 António Maria de S. Ambrósio  
 Zim. Zim.  
 4/21/68

Autógrafo de Salazar

Aliás, um dos livros mais curiosos que encontrei no escritório de NS é a monumental biografia do “Cardeal Cerejeira “ (1948) da autoria de Moreira das Neves, que a dedica a *uma grande alma de cristão*. Mas a particularidade mais interessante deste exemplar é o facto de quase todas as suas páginas estarem autografadas, em diferentes datas, por inúmeras personalidades políticas, religiosas ou de relevo social que certamente teriam visitado a casa. A acompanhar o volume conserva--se um caderno encadernado de modo idêntico ao do livro, que mais não é do que o índice alfabético dos nomes das personalidades que o assinaram, com referência à respectiva página. Trata-se de uma original espécie de livro de visitas.

Bíblías, missais, livros de devoção e espiritualidade, biografias de santos, os “Sermões” do Pe António Vieira em 15 volumes (Porto : Chardron, 1907), etc., além de estudos históricos de Miguel de Oliveira, Avelino de Jesus da Costa ou A. Luís Vaz integram este núcleo. Aqui também figuram edições de jesuítas bracarenses, com relevo para a “Revista Portuguesa de Filosofia” ou livros e separatas autografados por Júlio Fragata, Bacelar e Oliveira, Agostinho Veloso, Paulo Durão, Fernando Leite, etc., quase sempre agradecendo o apoio do comendador às suas iniciativas.

Se neste conjunto aparecem naturalmente obras do arcebispo bracarense D. Francisco Maria da Silva, a quem o uniam laços de grande amizade, como é o caso da “Mensagem ao clero e aos fiéis” (1975), deve referir-se que a crise que atravessou a igreja bracarense no início da década de 70 está representada não só pela colecção da revista “Presença e Diálogo” como também por títulos como “Tensão e contestação na igreja” de A. Luís Vaz (1971), “Sacerdotes punidos e leigos avisados (o caso de Braga)”, de António Macedo, Sousa Fernandes e os padres Vaz (1973) ou ainda “A igreja de Braga em crise” (1974).

Ao contrário de quase todos os outros, estes livros não possuem dedicatórias. Terão sido comprados? A sua existência será sintoma de alguma inquietação quanto à estabilidade ameaçada da igreja bracarense?

Com menos relevância deparamos com outros temas entre os livros que NS possuiu.

No caso da História, destaque para a "História de Portugal" de Barcelos, "História do mundo" (Alfa), "A guerra de Espanha" (Amigos do Livro), "História da guerra" de Carlos Ferrão e ainda uma esquecida apologia de "A França: da resistência à renascença", de Alves Redol, posterior à 2.ª Grande Guerra.

Não me referirei à bibliografia sobre história da arte, que não deveria ser despendida, pois a maior parte, como disse, foi integrada na biblioteca do Museu Nogueira da Silva e necessitaria de algum tempo, de que não dispus, para a identificar na totalidade. No seu escritório contudo ainda encontrei numerosos estudos e recortes sobre Henrique Medina, dedicados pelo pintor ao seu Mecenas, e também sobre o escultor e ceramista Jorge Barradas, igualmente privilegiado por encomendas do colecionador, como podemos apreciar nesta sala. De notar ainda a existência de uma centena de partituras musicais para piano que certamente pertenceram a sua mulher que sabemos ter sido executante daquele instrumento.

Braga, a sua história e monumentos ocuparam lugar importante nas estantes e no interesse de N. Silva. Possuiu as "Memórias de Braga", de Sena Freitas, a "Memória histórica do Bom Jesus" de Fernando Castiço (o exemplar n.º 3 de uma esplêndida edição em papel raríssimo, conforme nota manuscrita do professor liceal bracarense e bibliófilo Pereira Caldas), o "Manual do Romeiro do Bom Jesus" (1870), a "História do Sameiro", de F. Garcia, "Braga antiga" de Augusto Martins, "Elogio de Braga e do seu termo", de Hugo Rocha, fascículos diversos das revistas "Bracara Augusta" e "O Distrito de Braga", além de numerosas separatas e opúsculos sobre temas de história local.

Neste conjunto merece referência o estudo de 1962 do médico José de Almeida Soares, "Braga tem sede de água potável" que conserva no interior cópia da carta com que NS o agradeceu, considerando *de grande importância e da maior actualidade o assunto que foca* e tecendo algumas considerações pertinentes.

Lisboa, 2 de Agosto de 1962

Ex.<sup>mo</sup> Senhor  
Dr. José de Almeida Soares  
Delegação de Saúde  
B R A G A

Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo

Foi com o maior interesse e muita satisfação que li o seu trabalho “Braga tem sede de água potável”, cuja gentil oferta muito agradeço, pois considero de grande importância e da mais completa actualidade o assunto que foca.

Braga, na questão de sanidade, precisa de se elevar ao nível da sua categoria de terceira cidade do país, deixando de ser batida, sob tal aspecto, por outras terras de muito menos importância, como o meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo tão convincentemente prova que está a acontecer.

E a propósito da sua afirmação de que se verifica uma população incontrolável de moscas, eu recordei os terríveis focos desse desenvolvimento, constituídos por galinheiros, pocilgas e coelheiras que em tão grande número existem dentro da própria área da cidade. E eu não compreendo como as autoridades responsáveis pelo bom nome da nossa terra ainda não atentaram num problema de tanta magnitude e consentem um estado de coisas que nos faz alinhar com qualquer remota aldeia. E falam em impulsionar o turismo, como se houvesse conciliação possível entre essa rendosa fonte de receita e os maus cheiros e as moscas!...

Felicito-o muito sinceramente, portanto, pelo seu competentíssimo trabalho e peço a Deus que lhe dê vida e saúde, pois inteligência não lhe falta, para poder prosseguir com a sua campanha plena de mérito, até a ver coroada do mais completo êxito.

Enviando-lhe os meus melhores cumprimentos, subscrevo-me, com a maior consideração e estima,

Ainda neste núcleo tem o seu lugar “O Minho pitoresco” de José Augusto Vieira.

Entre obras de carácter diverso que os seus autores dedicaram ao comendador são de relevar os nomes do respeitado professor universitário bracarense Elísio de Moura, do Conde de Aurora e do padre doutor Sebastião Cruz. Este último, professor da Faculdade de Direito de Coimbra e grande especialista em direito romano – por isso aqui figura, entre outras obras sobre essa temática, a sua tese de doutoramento “Da solutio” – era o capelão da Casa da Sorte, mas também presidente do Conselho Fiscal da empresa, e amigo particular de NS, tendo sido na sua casa em S. Gens de Cidai (Santo Tirso) que o comendador se refugiou nos dias para si angustiantes que se seguiram ao 25 de Abril de 1974, segundo informação do senhor Avelino M. da Costa.

Finalmente não podemos esquecer algumas peças de valor bibliográfico assinalável, normalmente incluídas na classificação de livro antigo. É o caso de:

- "Catechismo ou doutrina christã e praticas spirituaes. Ordenado por D. Frey Bartholomeu dos Martyres". Braga: António de Maris, 1564 (sem folha de rosto);
- "Constituiçoens synodaes ordenadas no arcebispado de Braga no ano de 1639". Lisboa: Miguel Deslandes, 1697;
- "Peregrino curioso : da vida, morte, transladação e milagres do gloriosissimo senhor S. João Marcos". Lisboa: António Pedrozo Galram, 1721.

Retomando a biografia breve do comendador, eis que de repente na sua, na nossa vida, surge aquele *dia inicial, inteiro e limpo* (Sophia) de um Abril que os portugueses há tanto esperavam.

O mundo seguro, respeitador e bonançoso em que Nogueira da Silva tão bem se movimentava foi fortemente abalado, os seus privilégios e estatuto ameaçados e postos em causa, embora Braga não lhe tenha sido claramente hostil, ao contrário do que sucedeu no Porto e em Lisboa. E a perda das filiais do seu estabelecimento nas antigas colónias causou-lhe grandes preocupações.

O dono da Casa da Sorte tentou compreender o que se passava. Talvez por isso nas estantes do seu escritório pudemos deparar com a 1.ª edição, de Fevereiro de 1974, de "Portugal e o futuro" de António de Spínola. Poucos meses depois é no "Depoimento" de Marcelo Caetano, já publicado no Brasil, que talvez desesperadamente procure entender porque caiu o regime.

Agarrado a algum ténue fio de esperança ainda terá tentado ler obras claramente reaccionárias, como era o caso de "Portugal traído" de Fernando Pacheco de Amorim ou "Rumo à dignidade" de Galvão de Melo, já de 1975, que igualmente possuiu.

Preocupa-o certamente o destino a dar aos seus bens mais preciosos, até que, bem aconselhado (é justo referir o papel que o notário dr. António Borges de Araújo desempenhou nesta decisão), num gesto de grande lucidez e larga visão cultural decide legar à recém criada Universidade do Minho a sua resi-

dência bracarense e respectivo recheio, com a condição de nela ser instalado um museu e criado um Centro de Estudos Lusíadas. Quanto à Casa da Sorte foi aos seus trabalhadores que a deixou.

A última versão do testamento de NS foi registado no cartório notarial de Braga em 22 de Setembro de 1975, tendo o comendador falecido um ano depois, em 1 de Outubro de 1976

Os livros que Nogueira da Silva nos deixou, mesmo que nunca, ou raramente lidos (e eu próprio posso sofrer de uma noção redutora do conceito de leitura), ajudam-nos a esboçar o retrato inacabado de um homem com aspectos contraditórios que viveu intensamente o seu tempo e a sua circunstância: o cidadão benemérito e filantropo, o católico crente e devoto, o salazarista empenhado e comprometido e o bracarense bairrista, com algumas preocupações sociais e culturais, as quais nos permitem estar hoje, aqui, a evocá-lo com ligeiras reticências a que naturalmente se sobrepõe um inquestionável sentimento de profunda gratidão.